

SEGUNDO CADERNO

DOMINGO 17.3.2013
oglobo.com.br

Uma comissão de direitos humanos não pode ter espaço para dogmas religiosos

pág. 2
CAETANO VELOSO



DIGITAL ANA DE HOLLANDA TERÁ SELO DE MÚSICA NA INTERNET

pág. 10



DIVULGAÇÃO/CRISTIANO MASCARO



Intimidade. Numa cobertura em Ipanema (acima) Millôr Fernandes (à esquerda, na foto emoldurada) trabalhou por 40 anos: agora, a agente Lucia Riff cuidará dos livros escritos por ele, a Abramus administrará sua produção teatral, e o IMS abrigará seus desenhos, telas e recortes encadernados



FOTOS DE MÔNICA IMBUZEIRO

O legado de MILLÔR

Um ano após a morte do artista, Ivan Fernandes, seu filho mais velho, divide a obra deixada pelo pai em três partes e acerta gestão profissional do acervo

CRISTINA TARDÁGUILA
cris.tardaguila@oglobo.com.br

A dez dias de se completar um ano da morte do desenhista, dramaturgo, tradutor, jornalista e escritor carioca Millôr Fernandes (1923-2012), Ivan Fernandes, seu filho mais velho, anuncia que vai "profissionalizar a gestão" do acervo do pai.

Para isso, Ivan dividiu em três partes o material que desde 1962 enche (de forma extremamente organizada) gavetas, estantes e armários no estúdio em que Millôr trabalhava — uma pequena cobertura em Ipanema. A partir de agora, tudo o que diz respeito aos mais de 120 livros assinados pelo autor de "Fábulas fabulosas" (1964), por exemplo, ficará sob a responsabilidade da agente literária Lucia Riff. Tudo o que tange à produção teatral — e aí entram mais de 80 peças escritas por Millôr, mas não necessariamente encenadas — correrá a cargo da Associação Brasileira de Música e Artes (Abramus). E a parte mais colorida do acervo — os desenhos, aquarelas e crayons, entre outros trabalhos que saltam aos olhos dos fãs — serão levados ao Instituto Moreira Salles (IMS), na Gávea. Além de armazenar e conservar cerca de sete mil itens, a instituição poderá organi-

zar exposições e planejar novas publicações em torno do nome de Millôr.

— Tomei essa decisão porque jamais poderia cuidar de um acervo desse tamanho sozinho — explica Ivan, sentado próximo à mesa de trabalho e aos lápis de colorir de seu pai. — Admiro muito o esforço que herdeiros como o João Candido Portinari fazem, mas não quero ser como eles. Quero que a obra de meu pai seja preservada, mas não pretendo fazer disso minha vida.

'DINHEIRINHO NO BANCO'

Ivan recebeu da irmã, Paula, a outra única herdeira de Millôr, autorização para gerir o acervo em nome dos dois. Segundo ele, a procura deve ser grande. No último ano, Ivan recebeu pelo menos uma dezena de propostas para liberar o uso de trabalhos de seu pai em eventos.

— Mas, na maioria das vezes, foram propostas indecorosas camufladas de homenagens — ele diz. — Houve quem quisesse montar uma peça sem pagar os direitos. Eu me aborreci com isso. Agora, basta de homenagem, até porque a maior delas já foi feita no largo do Arpoador, que virou Largo do Millôr. O que quero é dinheirinho no banco.

Continua na página seguinte



Herdeiro. Ivan Fernandes, no estúdio de Millôr: após a saída das obras, ele convidará amigos do pai para repartir a biblioteca deixada por ele

segundocaderno@oglobo.com.br

CAETANO VELOSO

Um pouco de sensatez

Felizmente a ministra Marta Suplicy recuou da decisão de incluir as TVs a cabo no rol dos produtores de cultura beneficiados por mecanismos do ministério. O artigo de Cacá Diegues na semana passada deixava claro o absurdo que seria a aplicação da nova norma. TVs a cabo fazem dinheiro grande, são dinheiro grande, e nem traduzem os títulos ingleses das séries, quase todas americanas, que apresentam. Um ministério que deseje incentivar a criação cultural no Brasil não tem por que incluí-las em seus programas de incentivo.

Será crível que Marco Feliciano tenha sido escolhido presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias? Na explicação que ele ofereceu aos fiéis da sua igreja, a África é citada várias vezes como “esse país”, o que mostra ignorância a respeito do assunto que tratou com tanta veemência. Nitidamente ele vê a África como um todo unitário. Bem, a maldição dos que, miticamente, foram popular a África já foi usada antes pelos racistas de vários lugares para justificar a escravidão. Feliciano a usa, sem cuidado, para explicar Idi Amin, a Aids, as faminas etc. Uma autoridade responsável por uma comissão de direitos humanos não pode basear suas falas e atitudes em dogmas religiosos. Menos ainda se ele demonstra simplismo grosseiro na interpretação destes.

É difícil admitir que presida uma comissão que supostamente protege as minorias um homem que grita, irado, que se os homossexuais querem fazer “suas porcarias”, que as façam escondidos dentro de seus quartos, em suas casas, nunca se beijando em locais onde suas filhas possam ver “dois homens barbados, de pernas raspadas, aos beijos”. O pleito de casamento gay é um pleito de minoria representada que deve ser estudado por comissões parlamentares que tratem do assunto com calma, lucidez e isenção. Você pode seguir uma fé que determina que os atos homoafetivos são pecado (na verdade, são O PECADÃO, como observou alguém que meditou sobre o assunto, já que é um pecado que, dentre todos, costumava despertar a ira até dos incrédulos, sendo incomparável com o falso testemunho, a gula ou mesmo a atividade sexual livre entre pessoas de sexos opostos), mas essa maldição religiosa lançada sobre um tema não pode entrar aos berros num grêmio de legisladores que deveria acompanhar o movimento da sociedade auscultando suas forças e tendências. Há religiosos e ateus que odeiam atos homoafetivos e consideram os africanos uns amaldiçoados, mas isso não representa o movimento da sociedade como um todo. As pesquisas na maioria dos países do Ocidente (inclusive o Brasil) não dizem isso. E, mais importante, para além do aspecto democrático dessas auscultações, há de haver princípios de direitos inegociáveis, como é o direito de igualdade de respeito e de oportunidades. É simplesmente grotesco que um religioso que fala em tom tão fanático se eleja presidente de uma comissão que deveria proteger os que têm carência de respeitabilidade e de oportunidades.

Espero que a menção feita por Marina Silva, a quem tanto admiro, à troca “de um preconceito pelo outro”, no caso da discussão sobre a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, não signifique que opor-se à escolha de Feliciano, nos termos em que o faço, é uma mera troca de preconceitos. Contra quê, aliás, seriam os preconceitos de quem discute a escolha? Contra evangélicos? Contra pastores? Contra religiosos em geral? Sim, sem dúvida há. Vejo em filmes e piadas de TV, em conversas e em textos publicados, intolerância contra a vitalidade com que as igrejas neopentecostais se impõem no Brasil. A hipocrisia dos pregadores, a ganância de dinheiro, enfim, tudo o que se pode apontar em toda organização religiosa é quase sempre o aspecto ressaltado. Mas eu nunca me identifiquei com essa atitude. Vejo o crescimento das igrejas evangélicas como uma forma de progresso no nosso caminho para onde devemos ir. Não admiti nunca as campanhas anticandoráveis que elas alardeavam. Mas isso serenou. Religião é assunto imenso. Leio Mangabeira. Penso. Acompanho pessoas íntimas que são profundamente religiosas. Uma católica, outras evangélicas e ainda outras espíritas ou candomblezeiras. Eu próprio não sigo religião. Mas, mesmo que se quisesse, teria de entender que Comissão de Direitos Humanos deve tratar dos temas pertinentes de modo não sectário.

Será que o Brasil, além do mini-PIB, terá que passar agora por papagaiadas como essas? São muitas maluquices que podem atrasar nossa caminhada. Ao contrário do que diz Feliciano, o continente africano está se erguendo. O Brasil, tão cheio de promessas desde sempre, será que vai ficar entalado?

Pelo menos Marta viu a luz. ●

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
DANIEL GALERA	Pelo mundo	FRANCISCO BOSCO	Pelo mundo	HERMANO VIANNA	JOSÉ MIGUEL WISNIK	CAETANO VELOSO
	CRISTINA RUIZ BERLIM		EDUARDO GRAÇA NOVA YORK			
	ANA PAULA SOUSA LONDRES		EDUARDO LEVY LOS ANGELES			

O LEGADO DE MILLÔR CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

No que diz respeito a reavivar a produção literária de Millôr Fernandes, o trabalho já engatou. Lucia Riff conta que passou as últimas semanas renegociando com a editora L&PM os contratos de cerca de 30 títulos assinados pelo escritor, mas ressalta que sua função como agente está só começando:

— Millôr tem coisas antigas sensacionais, coisas que estão fora do mercado há anos e que precisam ser resgatadas. Também vamos trabalhar o que foi mal publicado e anda abandonado. Não tenho a menor dúvida do potencial que existe pela frente. E um dos exemplos disso é a grande procura que tivemos recentemente para o uso da obra dele em livros didáticos, por exemplo.

Apesar de ter feito diversas pesquisas, nem Ivan nem Lucia sabem ao certo quantos livros levam a assinatura do escritor. Há quem diga que são 123. Há quem diga que são 189. Mas o fato é que hoje só 21 deles podem ser encontrados em livrarias.

— Reeditar todo esse material é uma das tarefas da Lucia — diz Ivan. — Mas não vai ser fácil. Meu pai fez a loucura de distribuir suas publicações por 14 editoras.

6.577 OBRAS EM PAPEL

Em relação aos textos teatrais deixados pelo pai, o filho mais velho de Millôr decidiu que o melhor caminho seria passar a responsabilidade da gestão dos direitos autorais ao departamento de Teatro e Dança da Abramus.

— Tirei tudo da Sociedade Brasileira de Autores (Sbat) porque eles já não estão dando conta e é muito material. No último ano encontrei cerca de 80 peças de meu pai digitalizadas, mas acho que ainda há muito mais por aí — afirma Ivan. — Nas próximas semanas vou à Funarte, à Biblioteca Nacional e até ao antigo departamento de censura para solicitar tudo que é de papai e que passou por lá. Estou curioso.

Por fim, está a parte do acervo que, nos próximos dias, será retirada pelo IMS do pequeno quarto e sala de móveis vermelho-sangue situado no coração de Ipanema. Segundo Julia Kovensky, que coordena o setor de iconografia do instituto e que passou uma semana enfiada no estúdio inventariando o material, esta é a parte



FOTOS DE MÔNICA IMBUZEIRO



Catálogo. Os arquivos de Millôr (acima) e Julia Kovensky, que coordena o setor de iconografia brasileira do IMS: nos próximos dias, um caminhão irá tirar do estúdio mais de sete mil itens que contam a história do artista, e ela será uma das responsáveis por organizar e separar inéditos e publicados

mais conhecida e admirada do trabalho de Millôr.

— Nas duas mapotecas dele, encontramos 6.577 obras em papel em diversas gramaturas. São trabalhos em nanquim, aquarela, crayon, guache e muitas colagens. O humor típico dele permeia quase tudo. Eu e minha assistente rimos muito durante o trabalho — conta Julia.

Nos quatro arquivos verticais (também vermelhos), a jovem geógrafa achou pastas suspensas detalhadamente organizadas pelo próprio Millôr.

— Ele as dividiu por temáticas como racismo, morte e adultério e pôs, dentro delas, centenas de recortes de jornal e pedaços de textos que provavelmente serviriam de fonte de pesquisa ou de inspiração algum dia — diz Julia.

Além de tudo isso, o IMS também ficará responsável por guardar e disponibilizar para consulta 44 quadros pintados pelo desenhista e 101 encadernações feitas pelo próprio Millôr com a maioria dos trabalhos que ele publicou.

— Essas encadernações são verdadeiros *clippings* ou portfólios — explica Julia. — Têm tudo que o Millôr publicou nas revistas “Cruzeiro”, “Pif Paf”, “Isto É” e “Veja”, além do que saiu no “Pasquim” e no “Jornal do Brasil”. É um material fantástico, muito bem organizado e catalogado por ele mesmo.

O início do “desmanche” do estúdio que por 40 anos serviu de escritório para Millôr está agendado para os próximos dias. Julia e um caminhão do IMS vão estacionar na Rua Gomes Carneiro e retirar do local

mais de sete mil itens que contam a história de Millôr. Ivan nega tristeza. Diz que acabaria tendo que tirar tudo dali de qualquer jeito:

— O estúdio fica num prédio residencial. Não poderia abrir um instituto aqui nem que eu quisesse. Então, desmontar esse ateliê, que foi tantas vezes retratado por meu pai, já estava no script. Faz parte do trabalho de um herdeiro.

Mas, para que esse capítulo da história do pai não termine de forma fria, sem cor, Ivan anuncia um evento:

— Depois que o IMS levar as obras e todo o arquivo pessoal de meu pai, ficarão para trás as centenas de livros dele. Vou convidar os amigos, Ziraldo e companhia, para vir aqui e escolher o que quiserem levar. Papai ficaria feliz com isso. ●

RETRATO ENCANTADOR DE DUAS MULHERES

Clarisse Derzié e Maitê Proença seduzem em montagem simples e harmoniosa

Teatro

Crítica

“A beira do abismo me cresceram asas”

Teatro do Leblon

BARBARA HELIODORA

segundocaderno@oglobo.com.br

Com dados colhidos por Fernando Duarte em entrevistas com um grupo de idosos, Maitê Proença armou um tocante diálogo entre duas mulheres que ficam amigas na instituição onde moram e um suposto jovem que as entrevista. Juntas, mesmo que perfeitamente individualizadas, as duas compõem, com suas lembranças de acontecimentos e emoções, um painel da vida de todas as mulheres em sua experiência humana. Uma mais reflexiva, a outra mais extrovertida, tanto uma quanto outra podem dizer, com verdade, que “A beira do abismo me cresceram asas” — e, por isso, conseguem manter vivas a riqueza interior, as emoções e a imaginação que os outros supõem que a idade lhes tenham matado. O texto, com isso, resulta fluido, ora



DIVULGAÇÃO/PAULA KOSSATZ

Cumplicidade.

Maitê Proença em “A beira do abismo me cresceram asas”: espetáculo tem texto fluido, da própria atriz, interpretado por ela e por Clarisse Derzié como uma peça de piano a quatro mãos

alegre, ora emotivo, enriquecido pela diversidade das experiências vivida por cada uma das duas amigas, e gostosamente teatral.

SEM IMITAÇÃO DA VELHICE

A montagem em cartaz no Teatro do Leblon é simples e harmoniosa, com um cenário que, mesmo nos lembrando que estamos no teatro, cria o ambiente impessoal mas amistoso, onde duas cadeiras, diante de paredes brancas mas translúcidas, estabelecem o universo em que as duas moram. Os lindos figurinos de Beth Filipecki por certo as ajudam a alçar voo. A luz de Jorginho de Carvalho e a trilha de

Alessandro Perssan complementam com precisão e delicadeza o ambiente.

A direção de Clarice Niskier e Maitê Proença, com supervisão de Amir Haddad, é delicadamente simples, guiada pelo amor ao mundo que devia ser criado, profundamente carinhosa, mas sem cair um momento na pieguice, confiante na capacidade das duas intérpretes. Maitê Proença e Clarisse Derzié Luz atual com a harmonia de uma peça de piano a quatro mãos; cada uma tem seus momentos de solo, contraponto uns dos outros, e nos duetos formam um desenho único, harmônico, nos quais as ocasionais e pequenas discor-

dias só servem para ampliar a amizade. Evitando qualquer imitação de velhice, mas buscando o peso da experiência, Maitê e Clarisse têm, ambas, atuações de grande encanto, trabalhando com uma cumplicidade que traduz bem o conforto que as duas encontraram nessa reunião de duas experiências de vida diversas, mas de duas mulheres que tiveram, e ainda têm, muito para dar ao mundo em que vivem, mesmo quando esse é necessariamente limitado.

“A beira do abismo me cresceram asas” é um espetáculo de imenso encanto, que fala sobre todos nós com sabedoria e humor. ●